



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA

EDITORA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

COLEÇÃO MARX 21

Comissão Editorial

ARMANDO BOITO JUNIOR (coordenador)

ALFREDO SAAD FILHO – JOÃO CARLOS KFOURI QUARTIM DE MORAES

MARCO VANZULLI – SEDI HIRANO

Conselho Consultivo

ALVARO BIANCHI – ANDRÉIA GALVÃO – ANITA HANDEAS

ISABEL LOUREIRO – LUCIANO CAVINI MARTORANO

LUIZ EDUARDO MOTTA – REINALDO CARCANHOLO – RUY BRAGA

LOUIS ALTHUSSER

POR MARX

TRADUÇÃO

Maria Leonor F. R. Loureiro

REVISÃO TÉCNICA

Márcio Bilharinho Neves

Celso Kashiura Jr.

EDITORA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGráfICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Althusser, Louis, 1918-1990

AL79p

Por Marx / Louis Althusser; tradução Maria Leonor F. R. Loureiro; revisão técnica: Márcio Bilharinho Naves, Celso Kashiura Jr. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

1. Marx, Karl, 1818-1883. 2. Comunismo. 3. Filosofia marxista. 4. Humanismo. 5. Materialismo dialético. I. Loureiro, Maria Leonor F. R. II. Título.

CDD 335.4
320.5322
144
146.3

ISBN 978-85-268-1232-1

Índices para catálogo sistemático:

1. Marx, Karl, 1818-1883 335.4
2. Comunismo 320.5322
3. Filosofia marxista 335.4
4. Humanismo 144
5. Materialismo dialético 146.3

Título original: *Pour Marx*

© Librairie François Maspéro / Editions La Découverte, Paris, France, 1965, 1996, 2005.

Copyright © by Louis Althusser
Copyright © 2015 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.



MÉDIATHÈQUE
Maison de France

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication Universitaire - PAP Universitaire du Consulat général de France à São Paulo, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Étrangères et du Développement International (MAEDI).

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação Universitária - PAP Universitário do Consulado geral da França em São Paulo, conta com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e do Desenvolvimento Internacional (MAEDI).

*Dedico estas páginas à memória de Jacques Marin,
nosso amigo, que, nas piores provas, sozinheiro, descobriu
a via de acesso à filosofia de Marx - e me guiou por ela.
L. A.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA.....	9
PREFÁCIO: HOJE.....	13
I – OS “MANIFESTOS FILOSÓFICOS” DE FEUERBACH.....	33
II – “SOBRE O JOVEM MARX” (<i>Questões de teoria</i>).....	39
<i>O problema político</i>	40
<i>O problema teórico</i>	42
<i>O problema histórico</i>	54
III – CONTRADIÇÃO E SOBREDETERMINAÇÃO (<i>Notas para uma pesquisa</i>).....	71
<i>Anexo</i>	92
IV – O “PICCOLO”, BERTOLAZZI E BRECHT (<i>Notas sobre um teatro materialista</i>).....	107
V – OS “MANUSCRITOS DE 1844” DE KARL MARX (<i>Economia política e filosófica</i>).....	127
VI – SOBRE A DIALÉTICA MATERIALISTA (<i>Da desigualdade das origens</i>).....	133
1. <i>Solução prática e problema teórico: Por que a teoria?</i>	134

2. <i>Uma revolução teórica em ação</i>	141
3. <i>Processo da prática teórica</i>	148
4. <i>Um todo complexo estruturado “já dado”</i>	156
5. <i>Estrutura com dominante: Contradição e sobredeterminação</i>	162

VII – MARXISMO E HUMANISMO.....	183
---------------------------------	-----

NOTA COMPLEMENTAR SOBRE O “HUMANISMO REAL”	203
--	-----

AOS LEITORES.....	209
-------------------	-----

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

POR ALTHUSSER

Armando Boito Jr.

Em 1965, o filósofo marxista francês Louis Althusser publicava a primeira edição de sua célebre coletânea de ensaios à qual deu o título singular e cortante de *Pour Marx* (*Por Marx*). Os ensaios dessa coletânea propiciaram uma ampla e diversificada renovação do marxismo. Na filosofia, na sociologia, na economia, na ciência política, na linguística, na antropologia e na análise histórica, diversos autores inspiraram-se nas ideias inovadoras de Althusser para desenvolver a teoria marxista em diferentes domínios e também para realizar pesquisas empíricas de ponta. O trabalho de Althusser criou escola e serve até hoje de referência fundamental para aqueles que se dedicam à tarefa de desenvolver e renovar a teoria esboçada por Karl Marx.

Neste ano de 2015, quando é comemorado o cinquentenário do lançamento de *Pour Marx*, a coleção *Marx 21* coloca à disposição do leitor brasileiro esta nova tradução do livro de Althusser. O livro não é inédito no Brasil, mas a tradução lançada pela Zahar na década de 1970 – que recebeu o título de *A favor de Marx* – está fora de catálogo há muitos anos. Nessa nova tradução, realizada por Maria Leonor Loureiro, optamos pelo título *Por Marx*, que nos parece mais fiel ao estilo do título original.¹



Por Marx pertence à primeira fase da obra de Althusser como filósofo marxista. Nesse período, que se situa na década de 1960, Althusser publicou, além

OS "MANUSCRITOS DE 1844" DE KARL MARX (*Economia política e filosofia*)

A publicação dos Manuscritos de 1844 constitui um verdadeiro acontecimento, para o qual gostaria de chamar a atenção dos leitores de *La Pensée*.¹

Acontecimento *literário e crítico*, primeiramente. Até aqui, os Manuscritos não eram acessíveis aos leitores de língua francesa a não ser na tradução da edição Costes (Molitor. Tomo VI das *Obras filosóficas* [*Œuvres philosophiques*]). Todos os que se viram na necessidade de utilizá-la sabem por experiência própria que esse texto parcial, amputado de importantes desenvolvimentos, cheio de erros e inexatidões, não podia constituir um instrumento de trabalho sério. Eis-nos agora, graças a E. Bottigelli, cujo grande mérito é preciso louvar, de posse de uma edição *atualizada* (a mais atualizada de todas, visto que Bottigelli usou as mais recentes informações de leitura e correção que o Instituto Marx-Engels de Moscou lhe comunicou), apresentada na ordem mais racional (a da *Mega*), e numa tradução notável pelo rigor, pela minúcia, pelas notas críticas, e direi também, o que é muito importante, por sua *segurança teórica* (uma boa tradução só é concebível com a condição expressa de que o tradutor seja *bem mais do que um tradutor*: é preciso que seja um homem informado capaz de penetrar não só no pensamento de seu autor, mas também no universo conceitual e histórico de que ele se alimentou. Condição hoje preenchida).

Acontecimento *teórico*, em seguida. Eis-nos diante de um texto que vem desempenhando, nas polémicas, no ataque e na defesa de Marx, um papel de relevo há 30 anos. Bottigelli explica muito bem como, nesse grande debate, os

papéis se distribuíram. Foram os sociais-democratas (os primeiros editores: Landshut e Mayer, inicialmente), depois filósofos espiritualistas, existencialistas, fenomenólogos, entre outros, que fizeram o sucesso desse grande texto; mas, como se sabe, num espírito muito alheio quer ao entendimento de Marx, quer mesmo à simples compreensão de sua *formação*. Os *Manuscritos econômico-filosóficos* alimentaram toda uma interpretação, tanto ética, quanto (o que vem a dar no mesmo) antropológica, e até mesmo religiosa, de Marx – não sendo então *O capital*, em seu distanciamento e sua aparente “objetividade”, senão o desenvolvimento de uma intuição de juventude que teria encontrado sua expressão filosófica principal nesse texto e seus conceitos: antes de tudo os conceitos de *alienação*, *humanismo*, *essência social do homem* etc. É sabido que os marxistas só vieram a reagir tardiamente e que, com frequência, a reação foi proporcional a seus temores e sua precipitação: tenderam a defender Marx em bloco, e a aceitar, *mas a favor d’O capital*, a tese de seus adversários, superestimando assim o prestígio teórico do texto de 1844. Bottigelli tem, sobre esse ponto, fórmulas notáveis (pp. IX, XXXIX). Elas introduzem uma exigência que nenhum comentarista sério pode ignorar: definir um *método* de investigação novo e rigoroso, um “outro método” (p. X) que não o da simples assimilação antecipadora ou retrospectiva. Doravante, *podemos e devemos* tratar esses *Manuscritos*, que foram o argumento de um combate, o pretexto de um processo ou o reduto de uma defesa, com um método seguro: como um *momento* da formação do pensamento de Marx, o qual, como todos os momentos de um desenvolvimento intelectual, define decerto um futuro, mas delimita também um *presente singular* e irredutível. Não é exagerado dizer que Bottigelli nos deu nessa tradução irreprensível um *objeto privilegiado*, que interessa por duas razões teóricas aos marxistas: porque se refere à *formação*, ou melhor, à *transformação* do pensamento de Marx, e também porque oferece à teoria marxista das ideologias uma ocasião exemplar de exercer e pôr à prova seu método.

Acrescento por fim que essa tradução é introduzida por uma importante apresentação histórica e teórica, que não só nos lança nos problemas essenciais, mas os situa e esclarece.

Qual é, com efeito, o caráter *específico* dos *Manuscritos* de 1844, quando comparados aos textos anteriores de Marx? O que trazem de *radicalmente* novo? A resposta está neste *fato*: os *Manuscritos* são o produto do *encontro de Marx com a economia política*. Decerto não é a primeira vez que Marx se vê, como ele mesmo disse, na “necessidade” de dar sua opinião sobre questões de

ordem *econômica* (assim, desde 1842, a questão do roubo da lenha evocava toda a condição da propriedade feudal agrária; assim, de 1842 igualmente, o artigo sobre a censura e a liberdade de imprensa encontrava a realidade da “indústria” etc.), mas ele não encontrava então *senão* questões econômicas da economia, e pelo viés de debates *políticos*: em suma, ele não encontrava a economia política, mas certos efeitos de uma *política* econômica, ou certas condições econômicas de conflitos sociais (*Crítica da filosofia do direito de Hegel*). Em 1844, é a economia política *em pessoa* que Marx enfrenta. Engels abrirá-lhe o caminho com seu “esboço genial” sobre a Inglaterra. Mas, tanto quanto a Engels, impelirá-o para esse encontro a necessidade de ir procurar além do político a razão dos conflitos insolúveis dentro dele. Fora desse *encontro*, o *primeiro*, os *Manuscritos* são dificilmente inteligíveis. No período parisiense (fevereiro-maio de 1844), decisivo a esse respeito, Marx dedica-se ao estudo dos economistas clássicos (Say, Skarbak, Smith, Ricardo), toma notas abundantes, cuja marca se acha no próprio corpo dos *Manuscritos* (a primeira parte comporta longuíssimas citações), como se quisesse *certificar um fato*. Mas enquanto o certifica, constata que *esse fato não repousa*, ao menos nos economistas que lê, *sobre nada*, que ele está no ar e lhe falta seu próprio *princípio*. O encontro com a economia política é, portanto, num único e mesmo movimento, *reação crítica* à economia política e pesquisa exigente de seu *fundamento*.

De onde tira Marx a convicção de que a economia política não é *fundada*? Das *contradições* que ela constata e registra ou aceita e transfigura; e, antes de tudo, da *contradição* principal que opõe a *pauperização* crescente dos trabalhadores a essa singular *riqueza*, cujo advento a economia política celebra no mundo moderno. Aí está a cruz, aí está o fracasso dessa ciência otimista que se edifica sobre esse pobre argumento, como a riqueza dos proprietários sobre a pobreza dos operários. Aí está também seu escândalo, que Marx quer suprimir dando à economia esse princípio que lhe falta, que será sua luz e seu veredicto.

É aqui que se descobre a outra face dos *Manuscritos*: a *filosofia*. Pois esse encontro de Marx com a economia política é *ainda*, como diz Bottigelli muito bem (pp. XXXIX, LIV, LXVII etc.), um encontro da *filosofia* com a economia política. Não, decerto, qualquer *filosofia*, mas a filosofia edificada por Marx mediante todas as suas experiências prático-teóricas (Bottigelli explora seus momentos essenciais: o idealismo dos primeiros textos, mais próximo de Kant e de Fichte do que de Hegel; a antropologia de Feuerbach), modificada, retifi-

cada, amplificada por esse mesmo encontro. De todo modo, *ainda uma filosofia*, profundamente marcada pela problemática feuerbachiana (Bottigelli, p. XXXIX) e tentada pela hesitação a voltar atrás, de Feuerbach a Hegel. É essa filosofia que resolve a contradição da economia política, *pensando-a*, e, por meio dela, pensando toda a economia política, todas as suas categorias, a partir de um conceito-chave: o conceito de *trabalho alienado*. Aí estamos verdadeiramente no âmago do problema e, ao mesmo tempo, próximos de todas as tentações, quer do idealismo, quer da precipitação materialista, pois encontramos-nos, à primeira vista, num país conhecido, quero dizer, numa paisagem conceitual em que podemos identificar a propriedade privada, o capital, o dinheiro, a divisão do trabalho, a alienação do trabalhador, sua emancipação, e o humanismo, que é seu futuro prometido. Todas as categorias, ou *quase*, que reencontramos n' *O capital*, e que poderíamos por essa razão aceitar como antecipações dessa obra, melhor, como *O capital* em projeto, ou, melhor ainda, como *O capital* tracejado, já desenhado, mas com um traço de esboço, não o definitivo, embora contendo o gênio da obra realizada. Os pintores têm esses desenhos a carvão que são, já no primeiro esboço e em seu próprio surgimento, maiores do que a obra que contêm. Há algo desse jorrar no fascínio dos Manuscritos, na sua *lógica* irresistível (Bottigelli fala justamente de seu "rigor de raciocínio", pp. XXXIII, LXII, LIV, e de sua "implacável lógica") e na convicção de sua dialética. Mas há também a convicção, o *sentido* conferido por essa lógica e esse rigor aos conceitos que aí reconhecemos, e assim o próprio *sentido* dessa lógica e desse rigor: *um sentido ainda filosófico*; repito: *filosófico*, tomando essa palavra na *acepção mesma* à qual Marx fará mais tarde *uma condenação inapelável*. Pois todo o rigor e toda a dialética não valem senão o que vale o *sentido* que eles servem e ilustram. Será preciso um dia entrar no detalhe e dar *uma explicação palavra por palavra* desse texto: interrogar-se sobre o estatuto teórico e sobre o papel teórico atribuídos ao conceito-chave de *trabalho alienado*; examinar o campo conceitual dessa noção; reconhecer que ela desempenha exatamente o papel que Marx lhe atribui então: um papel de *fundamento originário*; mas que ela não pode desempenhar esse papel a não ser na condição de *recebê-lo* como mandato e missão de toda uma *concepção do Homem* que vai tirar da *essência do homem* a necessidade e o conteúdo dos *conceitos econômicos* que nos são familiares. Em suma, será preciso descobrir nesses termos – que vão adquirir um sentido futuro – o sentido que ainda os prende a uma filosofia que vai exercer sobre eles seus últimos encantos e seus últimos poderes. E se eu não quisesse abusar da liberdade de antecipar essa

demonstração, diria quase que *nesse aspecto*, ou seja, no aspecto da *dominação radical* da filosofia exercida sobre um conteúdo que em breve se tornará *radicalmente independente* dela, o Marx *mais afastado de Marx* é esse, o Marx mais próximo, o Marx da véspera, o Marx do limiar, como se antes da ruptura, e para consumá-la, ele precisasse ter dado à filosofia toda a oportunidade, a última, esse poder absoluto sobre seu contrário, e esse triunfo teórico sem igual: ou seja, *sua derrota*.

A apresentação de Bottigelli coloca-nos no âmago desses problemas. Considero das mais notáveis as páginas em que ele se interroga sobre o estatuto teórico do trabalho alienado, em que ele compara os conceitos econômicos dos *Manuscritos* com os conceitos econômicos d' *O capital*, em que coloca a questão fundamental da *natureza* teórica (para o Marx de 1844) dessa economia política *reencontrada*. Esta simples frase: "A economia política burguesa aparece a Marx *como uma espécie de fenomenologia*" (p. XLI) parece-me decisiva, como me parece capital o fato de Marx aceitar precisamente a economia política *tal qual ela se dá* (p. LXVII), sem questionar o conteúdo de seus conceitos e sua sistemática, como o fará mais tarde; é essa "abstração" da *economia* que autoriza a outra "abstração": a da *filosofia*, que vai dedicar-se a *fundá-la*. Assim, o reconhecimento da *filosofia* em ação nos Manuscritos nos leva necessariamente de volta a *nosso ponto de partida*: a esse *encontro* com a economia política, obrigando-nos a fazer a pergunta: Qual é, então, a *realidade* que Marx *encontrou* na forma dessa economia? A própria economia? Ou, antes, *uma ideologia econômica*, inseparável das teorias dos economistas, ou seja, segundo a forte expressão já citada, uma "fenomenologia"?

Acrescentarei, para terminar, apenas uma observação. Se esta interpretação pode desconcertar algumas pessoas, é pelo crédito que elas concedem a *uma confusão* (dificilmente evitável, é preciso dizê-lo, para nossos contemporâneos, pois todo um passado histórico lhes poupa a distinção desses papéis) entre o que se pode chamar *as posições políticas* e *as posições teóricas* de Marx no seu período de formação. Bottigelli viu muito bem essa dificuldade e aborda-a frontalmente escrevendo, por exemplo (p. XXXIII), que a *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (1843) "marca a adesão de Marx à causa do proletariado, ou seja, do comunismo. Isso não significa que o *materialismo histórico* já esteja elaborado". Logo, há uma leitura *política* e uma leitura *teórica* dos textos de juventude de Marx. Um texto como *A questão judaica*, por exemplo, é um texto *politicamente engajado* na luta pelo comunismo. Mas é um texto profundamente "ideológico": não é, portanto, um texto *teoricamente compa-*

rável com os textos ulteriores, que definirão o materialismo histórico e que poderão esclarecer até o fundo esse movimento comunista real de 1843, nascido antes deles, independentemente deles, ao lado do qual o Jovem Marx se colocou então. Aliás, mesmo a nossa própria experiência pode lembrar-nos de que se pode ser “comunista” sem ser “marxista”. Tal distinção é requerida para evitar cair na *tentação política* de confundir as tomadas de posição *teóricas* de Marx com suas tomadas de posição *políticas*, legitimando as primeiras mediante as segundas. Mas tal distinção esclarecedora nos remete imediatamente à exigência definida por Bottigelli: conceber “outro método” para dar conta da *formação* de Marx, logo, de seus *momentos*, de suas *etapas*, de seus “presentes”, em suma, de sua *transformação*; para dar conta dessa *dialética paradoxal* cujo episódio mais extraordinário são exatamente esses *Manuscritos*, que Marx nunca publicou, mas que talvez por isso mesmo, o desnudam, em seu pensamento triunfante e desfeito, no limiar de ser finalmente, por um remanejamento *radical*, o último: ou seja, o *primeiro*.

Dezembro de 1962

Nota

- 1 Apresentação, tradução francesa e notas de Emile Bottigelli. Éditions Sociales.

VI

SOBRE A DIALÉTICA MATERIALISTA (Da desigualdade das origens)

Todos os mistérios que impelem a teoria ao misticismo encontram sua solução racional na práxis humana e na compreensão dessa práxis.

K. Marx, “Oitava tese sobre Feuerbach”

Se fosse preciso caracterizar com uma palavra as críticas que me foram dirigidas, diria que, reconhecendo seu interesse, elas apontam meus estudos como teórica e politicamente perigosos.

Essas críticas formulam, com nuances, duas censuras essenciais:

(1) ter “acentuado” a *descontinuidade* que separa Marx de Hegel. Resultado: o que resta então do “núcleo racional” da dialética hegeliana, da própria dialética, e, em decorrência disso, d’*O capital* e da lei fundamental do nosso tempo?;

(2) ter substituído, propondo o conceito de “contradição sobredeterminada”, a concepção “monista” da história marxista por uma concepção “pluralista”. Resultado: o que resta então da necessidade histórica, de sua unidade, do papel determinante da economia – e, por conseguinte, da lei fundamental do nosso tempo?;

Dois problemas estão em causa nessas censuras, como nos meus ensaios. O primeiro refere-se à dialética hegeliana: Em que consiste a “racionalidade” que Marx reconhece nela? O segundo diz respeito à dialética marxista: Em que consiste a *especificidade* que a distingue rigorosamente da dialética hegeliana?